

# PROJETO GEMINI



**EXCELSIOR**  
BOOK ONE

**PROJETO  
GEMINI**

*Gemini man: official movie novelization*

© 2019 Skydance Productions LLC. All Rights Reserved.

© 2019 by Book One

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Primeira edição Titan Books: outubro de 2019

UM ROMANCE DE **TITAN BOOKS**

BASEADO NO FILME DE **ANG LEE**

HISTÓRIA DE **DARREN LEMKE E DAVID BENIOFF**

FILME DE **DAVID BENIOFF, BILLY RAY E DARREN LEMKE**

**EXCELSIOR – BOOK ONE**

TRADUÇÃO **JANA BIANCHI**

PREPARAÇÃO **SYLVIA SKALLÁK**

REVISÃO **DIOGO RUFATTO E TÁSSIA CARVALHO**

ARTE E ADAPTAÇÃO DE CAPA **FRANCINE C. SILVA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

P958 Projeto Gemini / adaptação de Titan Books; baseado no filme de Ang Lee; tradução de Jana Bianchi. – São Paulo: Excelsior, 2019.

272 p.

ISBN: 978-65-80448-20-3

Título original: *Gemini Man The official movie novelization*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I. Titan Books II. Lee, Ang III. Bianchi, Jana

19-1846

CDD 813.6

# PROJETO GEMINI

UM ROMANCE DE TITAN BOOKS

BASEADO NO FILME DE ANG LEE

HISTÓRIA DE DARREN LEMKE E DAVID BENIOFF

FILME DE DAVID BENIOFF, BILLY RAY E DARREN LEMKE

São Paulo  
2019

**EXCELSIOR**  
BOOK ONE



## CAPÍTULO 1

A rota ferroviária entre Liège, na Bélgica, e Budapeste, na Hungria, é uma linha tortuosa que passa pela Alemanha e pela Áustria e depois rodeia a fronteira sudoeste da Eslováquia antes de finalmente chegar a seu destino, no centro-norte da Hungria. As viagens podem durar de treze horas a um dia inteiro, a depender do número de paradas e de quantas baldeações entre trens o passageiro precisa fazer. Não há como chegar de Liège a Budapeste sem trocar de trem. O mais comum é fazer quatro ou cinco baldeações, embora alguns itinerários exijam sete ou até dez transferências.

Dito isso, o itinerário de Valery Dormov era um pequeno milagre. Apenas duas baldeações seriam necessárias – a primeira em Frankfurt, a segunda em Viena, e com um total de onze paradas, doze contando com Budapeste –, o que levaria a um tempo de viagem estimado em pouco menos de treze horas.

Esse cronograma extraordinário não tinha sido identificado por Dormov, mas sim por algum *rabotnik* sem rosto com um dom especial de ver tabelas de horários em três dimensões, em vez de

meras colunas de números que a maioria das pessoas acharia impossível sincronizar. Quando o *rabotnik* surgiu do escritório que ficava no porão e apresentou tal trabalho fantástico aos superiores, Dormov imaginou que teriam que aguentar uma choradeira coletiva sobre o número de paradas, em vez de aplausos ou mesmo um tapinha nas costas. Mas as paradas eram inevitáveis – não havia trens direto. Nas ferrovias europeias, não existem coisas como cidades de passagem.

Valery Dormov não se importava com o número de paradas, mas seus guarda-costas, sim. Cada parada os expunha a um possível ataque, ou pelo menos criava uma oportunidade para que um assassino embarcasse no trem, e baldeações eram ainda mais perigosas. Os guarda-costas haviam repassado minuciosamente com ele como fariam para mantê-lo vivo nas estações de Frankfurt e Viena, enfatizando como era importante que ele fizesse *exatamente* conforme o mandassem fazer.

Dormov ficara tentado a dizer que qualquer suposto assassino provavelmente embarcara com eles em Liège, mas sabia que não receberiam bem as sugestões de como deviam fazer seu trabalho, e por isso só confirmou com a cabeça. Era um russo com seus sessenta anos de idade e estava grato pelo fato de serem necessárias apenas duas transferências, o que significava que não precisaria se levantar a cada intervalo de algumas horas para correr por estações de trem com três guarda-costas grandes e tensos. Não porque tivesse qualquer problema de locomoção – em seu último check-up nos Estados Unidos, o médico de quarenta anos havia dito mesmo que invejava a pressão e o tônus muscular de Dormov –, mas simplesmente porque estava viajando sem parar havia dias e sentia-se cansado. Era capaz de passar as próximas treze horas sentado. Qualquer coisa que pudesse fazer sentado não seria nenhuma inconveniência.

A ideia de ir de trem tinha sido de Dormov. Voar o levaria para casa mais rápido, mas argumentou aos seus contatos que, se os

americanos estivessem procurando por ele, já estariam a postos nos aeroportos e talvez tivessem até recrutado a equipe de segurança para ajudar. Sem dúvida também estavam observando as estações de trem, mas seria mais fácil para ele se misturar aos outros viajantes, mesmo com os guarda-costas. Na verdade, Dormov sempre odiara viagens aéreas; em um trem, era possível se levantar e ir ao banheiro sempre que necessário, um fator importante a se considerar na idade dele.

Ele suspeitava que, se *tivesse desejado* voar a Moscou, os burocratas o teriam impedido. Não porque os passageiros aéreos eram mais fáceis de rastrear, mas para colocá-lo em seu devido lugar – a Rússia estava feliz com o fato de que ele voltava para casa, mas não significava que poderia estalar os dedos e conseguir o que bem quisesse. Os burocratas precisavam fazer pose para compensar seus empregos, que em tudo o mais eram sem graça. Dormov não estava nem aí. Também era capaz de fazer pose, provando a eles que, mesmo depois de trinta e cinco anos nos Estados Unidos, não era mimado e exigente.

De fato, Dormov havia amolecido em relação a muitas coisas à medida que envelhecia. Não mais de vinte anos antes, teria ficado extremamente irritado com a menininha correndo para cima e para baixo pelo corredor, tagarelando em um francês com leve sotaque belga. Agora, ficava feliz em deixar as crianças serem crianças e fazerem coisas que crianças faziam, como se empolgar com um passeio de trem. Elas logo cresceriam e seriam oprimidas pela chatice e a mediocridade que eram consideradas sinais de boa cidadania em lugares demais. Ou se tornariam pessoas cínicas e mal-humoradas, ofendendo-se com tudo e com todos sob a crença errônea de que isso as faria distintos ou perspicazes.

O trem ainda não havia deixado a estação, mas o guarda-costas ao lado dele já perguntara pelo que parecia a milésima vez se ele queria café, chá ou alguma coisa para comer. Dormov fez um sinal

com a mão, negando com a cabeça enquanto se virava para olhar pela janela. Os outros dois guarda-costas, sentados do outro lado da pequena mesa, eram o tipo usual de russo musculoso – estoicos, com a expressão fechada, e muito mais alerta do que pareceriam aos olhos dos demais passageiros.

Seu companheiro de assento, porém, era um tanto mais novo e menos experiente. Dormov se perguntava se aquela seria sua primeira missão, porque ele não parecia entender que supostamente deveria ficar ali sentado em silêncio, parecendo intimidador, ou pelo menos alguém menos aproximável. Ele insistia em perguntar a Dormov se este queria algo para beber, comer ou ler, se estava confortável ou se queria uma coberta.

Bom, Yuri havia dito que uma boa quantidade de pessoas esperava ansiosamente a volta do cientista prodígio aos braços da Mãe Rússia. Algo típico de Yuri – não havia frase que não pudesse tornar rebuscada. Dormov achava que isso tinha algo a ver com o fato de que o trabalho de Yuri o fizera passar muitos anos oscilando entre o Ocidente e o Oriente. Esse tipo de experiência fazia os agentes se tornarem pessoas peculiares.

O Ocidente e o Oriente tinham muitas semelhanças, mas suas diferenças não se complementavam: o top de Madonna não cabia bem nos seios da Mãe Rússia. Dormov sempre acreditara secretamente que a queda do Muro de Berlim e o subsequente fim do regime soviético eram responsáveis diretos por três coisas: Madonna, MTV e papel higiênico com cheirinho. E a internet garantira que ninguém olhasse para trás.

Ele havia previsto aquilo no sugestivo ano de 1984, quando os americanos o atraíram pela primeira vez com a promessa de um paraíso de alta tecnologia, livre da ameaça da polícia secreta observando-o com o intuito de garantir que não pisasse fora da linha. Dormov achara aquilo ótimo. Ao longo das próximas três décadas e meia, porém, aprendera que a polícia secreta vinha em diferentes formas, e que não

estar em um *gulag* na Sibéria não significa necessariamente não estar em uma prisão (embora com papel higiênico mais macio).

E então havia a questão da ética. *Bozhe moy!*

Ele sempre tentara ser um homem ético e moral, um homem íntegro. Essas eram questões complexas em um mundo superpopuloso. Nascera no ano da morte de Joseph Stalin, e naqueles tempos havia menos ambiguidade sobre tais questões. Stalin havia matado mais do que Hitler, todos vítimas russas. Sobreviver ao regime soviético era complexo, mas a ética e a moral eram bastante claras.

Dormov havia se mudado para os Estados Unidos não por causa da MTV ou do papel higiênico, mas porque tinha certeza de que, cedo ou tarde, sua pesquisa científica conflitaria de algum modo com o governo. Não queria amanhecer um belo dia em um *gulag*, onde a melhor perspectiva era acabar com uma boa tatuagem de catedral nas costas.<sup>1</sup>

A decisão de deixar os Estados Unidos fora muito mais difícil.

Mais uma vez, o guarda-costas jovem e ansioso por agradar que estava à sua esquerda perguntou se ele queria um travesseiro, e mais uma vez Dormov negou com a cabeça. Os dois outros homens sentados diante de si não mudaram de expressão, mas Dormov os pegou trocando olhadelas furtivas. Talvez se perguntassem por que ele tolerava tanta pentelhação. Dormov deu uma risadinha por dentro. O rapaz era só um moleque; aquela era a versão dele de correr pelo corredor, tagarelando. Depois de trinta e cinco anos de exílio, Dormov gostava de ouvir a própria língua sendo dita por outro russo, em vez de um americano com belo sotaque.

Os outros dois guarda-costas mal falavam com ele, exceto para explicar os planos de baldeação ou para conferir se ninguém havia colocado escutas ou rastreadores GPS em Dormov. Faziam aqueles

---

1 Nos *gulags* soviéticos, as tatuagens eram usadas para diferenciar os tipos de presos. Tatuagens de igrejas ortodoxas, especificamente, designavam os ladrões – tipo de criminoso que se distinguia claramente dos presos políticos. (N. T.)

apetrechos tão pequenos ultimamente que qualquer pessoa poderia prender um deles ao passar a esmo por alguém na rua – ou na estação de trem, ou mesmo enquanto o alvo permanecia em seu assento no trem –, e esse alguém nem notaria.

Dormov conhecia todos os truques – os americanos haviam lhe dado um bom treinamento em vigilância, embora nem sempre de maneira intencional. De tempos em tempos, alguém que com certeza, sem sombra de dúvida, *não* era um espião tentava grampear seu laboratório, ou até mesmo sua casa. Ele sempre sabia que esse era o caso porque as pessoas diziam vir de departamentos do governo mencionados só de passagem, sobre os quais nunca ouvira falar. Quando aquilo acontecia, ele se negava a trabalhar até que seu laboratório fosse limpo – o laboratório *inteirinho*, inclusive os banheiros. Qualquer pessoa curiosa sobre o que ele e seus assistentes faziam poderia assistir às gravações dos grampos que já estavam instalados.

A vigilância não foi a razão pela qual Dormov decidira voltar para casa. Ele sabia bem demais que seria monitorado mais de perto ainda em Moscou – o Estado soviético não existia mais, mas velhos hábitos nunca mudam. Mesmo assim, o governo russo nunca fora tão tímido em relação à vigilância quanto os americanos. Na Rússia, era preciso presumir que alguém, em algum lugar, estava observando. Nos Estados Unidos, faziam um escândalo sobre privacidade, sobre como todo o mundo tinha direito a ela e como o governo não tinha o direito de violá-la, então produziam dispositivos menores e os escondiam melhor.

Mas então os ataques de Onze de Setembro aconteceram, e até o cidadão médio americano sofreu com o conflito da escolha entre privacidade pessoal ou segurança pública. Não que o governo americano já não estivesse grampeando, ouvindo conversas e enfiando o nariz de maneira geral nos assuntos privados de pessoas só por as considerar segurança nacional. “Segurança nacional” era

um daqueles termos vagos que as agências de inteligência achavam muito úteis na hora de evitar ter que explicar suas ações, ou mesmo admiti-las.

Ainda assim, vigilância por parte do governo era uma coisa; aquele último pedido feito a ele era outra, completamente diferente, totalmente inaceitável. Dormov nunca fora grande fã do comunismo soviético, mas deixar o capitalismo correr solto era tão ruim quanto, talvez até pior. Sempre suspeitara que algum dia chegaria a seu limite e teria que deixar o Ocidente de uma vez por todas. Por fim, havia entendido que os americanos nunca o deixariam se aposentar, não com tamanho conhecimento dentro da cabeça – ele era um risco para a segurança nacional. Soubera, então, que teria que dar no pé e voltar para casa.

A Rússia não era uma utopia esclarecida, e ele não tinha ilusões sobre o porquê de o aceitarem de volta com tanta alegria – conseguir todo o conhecimento que tinha em sua cabeça seria um belo golpe. Além do mais, isso chatearia os americanos. Não era nada pessoal, mas pelo menos poderia consumir uma boa tigela de *solyanka*.<sup>2</sup> Que poderia saborear com uma caneca de *kvass*<sup>3</sup> – a bebida de verdade, não a água com açúcar engarrafada que era vendida nas lojas chiques dos Estados Unidos.

Dormov olhou pela janela e viu surgir o teto curvado. A estação de Liège era de cair o queixo. Quando a viu pela primeira vez, pensou que parecia uma enorme onda esbranquiçada que, de algum modo, fora capturada e congelada no meio do caminho, uma onda esbranquiçada com ranhuras. Era toda feita de aço, vidro e cimento branco, e não tinha fachada nem um portal de entrada grandioso, só aquele teto curvo. As ranhuras eram, na verdade,

---

2 *Solyanka* é um prato russo tradicional, uma sopa que leva pepinos em conserva, carne, peixe ou cogumelos e outros vegetais. (N. T.)

3 Bebida fermentada russa. (N. T.)

colunas de concreto branco que emitiam sombras em um padrão geométrico quando iluminadas pela luz solar.

De acordo com o guarda-costas prestativo, aquela era a marca registrada do arquiteto da construção, Santiago Calatrava Valls. Dormov admirou o design – achava que adoraria conhecer alguém que pudesse imaginar uma coisa daquelas em sua mente. Ao mesmo tempo, no entanto, a estação parecia extremamente *estranha*, como se de outro planeta. Exceto pelo fato de que não era; a estação de trem estava bem ali, onde deveria estar. Era *ele* quem estava fora do lugar.

Mas aquilo eram só saudades de casa, pensou Dormov. Conforme sua jornada na direção leste progredia, percebia que sentia saudades havia trinta anos; e, quanto mais perto do seio da Mãe Rússia chegava, mais intenso o sentimento se tornava.

Seria um alívio chegar a Budapeste e entrar em contato com Yuri. A Hungria ainda não era sua casa, mas tampouco era o Ocidente. Mesmo que não conseguisse sua *solyanka* e seu *kvass*, aceitaria de bom grado um *goulash*<sup>4</sup> feito em uma típica chaleira húngara e uma vodca.

### III

Vários quilômetros a sudeste da cidade, no topo desolado de uma colina com vista para um vale intocado pelo desenvolvimento, um homem chamado Henry Brogan estava sentado em uma suv. Um dos braços musculosos de pele negra estava esticado, a mão apoiada no volante enquanto mirava algo ao longe. Um observador qualquer poderia pensar que ele fora àquele espaço deserto em busca de alguma introspecção solitária, talvez para fazer um balanço da vida e considerar as circunstâncias que o haviam levado até aquele momento, com um olho na decisão do que faria a seguir.

---

4 Cozido húngaro que leva carne, farinha e especiarias. (N. T.)

Um observador mais cuidadoso, porém, notaria como se sentava empertigado no banco do motorista, e atribuiria a postura à prestação de serviços militares. Henry fora fuzileiro naval, mas aquela época já tinha ficado para trás havia muito tempo. A única característica que ainda levava daquele tempo, além de uma série de habilidades que melhorara e aprimorara consideravelmente, era a pequena tatuagem no pulso direito, um símbolo verde do naipe de espadas. Ele poderia ter se livrado dela junto de seus uniformes e com o resto de seus apetrechos militares, porém ela significava mais do que todas as condecorações e medalhas que havia recebido juntas. Era um ícone; quando olhava para ela, via a parte mais profunda e significativa de si mesmo, o que outras pessoas chamariam de alma, sobre cujo conceito nunca se sentira à vontade para falar. Felizmente, não precisava; tudo estava contido no pequeno símbolo verde, alinhado e agradável, como gostava que as coisas fossem em sua vida.

Naquele exato momento, sua atenção se focava nos trilhos a cerca de setecentos e cinquenta metros dali, esperando pelo trem de Liège que faria a primeira parte da longa viagem até Budapeste. Vez ou outra, olhava a foto presa ao retrovisor; estava um pouco desfocada, copiada de um passaporte, de uma carteira de motorista ou talvez de algum crachá de funcionário, mas era clara o suficiente para ser reconhecível. O nome VALERY DORMOV estava impresso na base da foto em nítidas letras maiúsculas.

## III

Monroe Reed gostava de pegar trens em qualquer lugar do continente. Os europeus realmente sabiam como viajar pelo solo. Era algo que ele aprendera a apreciar conforme viajar de avião se tornava mais complicado e menos confortável. Já era ruim o suficiente ter que esperar em uma fila por um tempo desgraçado para passar

por um detector de metal e talvez ser apalpado por alguma abelha operária entediada e vestida em um uniforme. E, para piorar, as companhias aéreas agora tinham dois ou *três* tipos de assento, e todos eles eram uma grande merda.

Geralmente, não tinha que encarar viagens comerciais de avião quando trabalhava com Henry. Mas de tempos em tempos a DIA<sup>5</sup> o mandava em missões extra ou lhe pedia que ficasse para trás e resolvesse pontas soltas. A agência não mandava jatinhos para ninguém tão baixo na hierarquia como ele. Então, ficava preso à vida de ouvir bebês chorões dando escândalo enquanto a criança na fileira de trás chutava seu assento ao longo de seis horas – criança esta que ele considerava muito parecida com a que não parava de correr para cima e para baixo no corredor naquele mesmo instante, falando na velocidade da luz. Monroe não tinha certeza da idade dela – seis, talvez sete anos? Nova demais para viajar sozinha, mas nem ferrando ele seria capaz de apontar a qual dos outros adultos no vagão ela pertencia; nenhum deles parecia muito disposto a colocá-la nas rédeas. Os pais de Monroe não eram muito de infligir castigos físicos, mas, se ele fosse como aquela criança na mesma idade, não teria conseguido se sentar direito por uma semana.

Ele só precisava pegar um pouco mais leve, pensou Monroe; ninguém mais parecia irritado com aquilo, nem mesmo Dormov, e ele havia imaginado que o velho seria um rabugento pé no saco. Não que tivesse ocorrido a Monroe pensar que um desertor pudesse ser bondoso ou fácil de se gostar. Por outro lado, Dormov era originário da Rússia, então talvez o velho não estivesse se sentindo exatamente como um desertor, já que estava simplesmente

---

5 Sigla para *Defense Intelligence Agency*, ou Agência de Inteligência de Defesa dos Estados Unidos. Enquanto a CIA (*Central Intelligence Agency*, ou Agência de Inteligência Central) foca nas necessidades gerais de inteligência do presidente, a DIA se concentra em tópicos militares relacionados à defesa dos Estados Unidos em âmbito nacional. (N. T.)

voltando para casa a fim de se aposentar. Talvez ainda sentisse falta do lugar, mesmo depois de trinta e cinco anos nos Estados Unidos. Dado que não havia mais regime soviético, não precisava se preocupar com o risco de ser levado no meio da noite pela KGB e enviado a um *gulag* na Sibéria.

Ainda assim, Monroe duvidava que Dormov fosse achar a aposentadoria na Rússia tão confortável quanto seria nos Estados Unidos. E, se ele não estivesse se aposentando, mas carregando consigo o que chamava de “trabalho”, logo descobriria que, apesar de toda a informação confidencial que levava dos Estados Unidos, os russos jamais seriam capazes de lhe dar um laboratório com instalações e equipamentos tão top de linha como o que era garantido nos Estados Unidos. Caramba, ele teria sorte se fosse capaz de encontrar uma cadeira com um bom apoio para a lombar. Gente idosa estava sempre reclamando das cadeiras que não tinham um bom apoio para a lombar, ou pelo menos era o que faziam todas as pessoas idosas que Monroe conhecia.

Bom, Dormov não precisaria se preocupar com isso nem teria a oportunidade de chorar as pitangas. E Monroe só tinha que suportar aquela criança hiperativa até a próxima parada, onde desceria se tudo corresse segundo os planos. E ele tinha certeza de que iria. Estava trabalhando com Henry Brogan, e Henry nunca o deixava na mão. Quando Henry estava em uma missão, era como uma máquina. Nada o perturbava ou o distraía; tinha um foco preciso como laser e uma sincronia quase sobrenatural. O nervoso que Monroe sempre sentia no começo de uma missão era, na verdade, pura ansiedade.

Naquele dia, no entanto, a criança que corria para cima e para baixo no corredor e tagarelava enquanto seus cachinhos infantis voavam ao redor do rosto o estava deixando louco. *Será* que ela tinha uns seis anos? Ele não era muito bom naquilo de adivinhar a idade das crianças.

Ou a idade de qualquer pessoa, pensou ele, lembrando de como havia suposto que Henry tinha trinta e tantos anos. Quando Henry lhe contara que tinha cinquenta e um, ficara de boca aberta. Como *alguém* podia estar tão bem aos *cinquenta*?

Que inferno, onde estavam os pais daquela menina? O trem sairia a qualquer instante, por que não a tinham enjaulado ainda? Ah, tá bom – tudo era diferente na Europa, incluindo os métodos de criação dos filhos. Monroe ouvira que alguns franceses começavam a dar vinho para os filhos durante o jantar logo aos três anos de idade. A prática provavelmente se estendia a todos os países em que se falava francês, como ali na província de Liège. Ele mirou o relógio quando a criança passou por ele pela milionésima vez, a boca funcionando tal qual um motor. Para azar dele, ainda faltavam algumas horas para o jantar – um pouco de vinho a acalmaria. Talvez ela até dormisse pelo restante da viagem até sabe-se lá onde. O que, agora que ele parava para pensar a respeito, devia ser o motivo pelo qual os franceses davam vinho para seus filhos, para início de conversa.

Do outro lado do corredor, e três fileiras à frente de si, um dos guarda-costas de Valery Dormov estava enchendo o saco dele, como fora desde o embarque. Talvez ele tivesse sido uma criada na encarnação passada. Não desistia nem quando Dormov continuava sinalizando que não, afirmando que estava bem.

O comportamento solícito incessante do guarda-costas de Valery Dormov estava dando nos nervos de Monroe tanto quanto a menininha. Era um tormento só ter que ouvir perguntar de novo e de novo se Dormov queria algo para comer, beber ou ler, se precisava de um travesseiro extra, se o assento estava bom. *Nyet, nyet, nyet*, dizia o velho, chacoalhando a mão. Se fosse qualquer outra pessoa, Monroe talvez tivesse levantado para pedir a ele que deixasse o pobre homem em paz. Dormov dificilmente poderia ser classificado como um *pobre homem*, e logo descansaria em paz. O pensamento fez Monroe sorrir.

A menininha passou correndo por Monroe de novo, indo na direção oposta. Se o trem não saísse logo, ele próprio teria que andar pelo corredor em busca de esfriar um pouco a cabeça. De qualquer forma, não teria problema se eles se atrasassem, contanto que Henry fosse pontual. E ele seria.

Como se em resposta a seus pensamentos, o trem deu um solavanco e começou a avançar. No mesmo instante, uma voz feminina saiu pelos alto-falantes, anunciando os tempos de viagem, destinos, regras de segurança para os passageiros e, como falava em francês, soava encantadora e um tanto sedutora. Havia dito a Monroe que os belgas tinham um sotaque mais leve do que os franceses. Não tinha um ouvido tão bom para notar a diferença. Henry provavelmente sim, pensou ele; era esse tipo de pessoa precisa.

Ele olhou pela janela.

– Vagão número seis – disse, com a voz calma e clara. – Estamos nos movendo. Quatro alfa. Repetindo: quatro alfa. Assento da janela, com sua equipe toda ao redor.



A alguns quilômetros a sul e leste, Henry respondeu:

– Entendido.

Seus olhos ainda estavam nos trilhos distantes, especificamente no ponto onde sumiam para dentro de um túnel escavado em uma colina. A entrada do túnel ficava um pouco abaixo de seu esconderijo. Movendo-se rápido, mas sem pressa, Henry saiu do banco do motorista e foi até a parte de trás do carro para abrir o porta-malas antes de parar por um instante e conferir a hora em seu relógio de pulso, que fora comprado no acampamento quando ainda estava em treinamento porque parecia feito para ele, o tipo de relógio que um fuzileiro naval usaria. Ainda funcionava, e ele gostava de vê-lo no pulso. Então, abriu a caixa rígida na parte de trás da SUV.

O fuzil de precisão Remington 700 era velho e resistente, assim como o relógio e ele mesmo, e todos os três ainda estavam ativos. Assim que começou a montar o Remington, uma sensação de controle calmo brotou dentro dele e fluiu para fora, de seu cerne para a cabeça e as mãos, indo para o ar que o cercava de modo que respirasse o mesmo equilíbrio imperturbável e perfeito que tomava sua mente e seu corpo. E o Remington.

Henry calibrou a mira telescópica do Remington, prendeu-a no suporte sobre o cano e se deitou de barriga para baixo apreciando o jeito com que seu corpo respondia ao movimento. Era como voltar para casa; era sempre assim.

– Velocidade? – perguntou.

– Duzentos e trinta e oito quilômetros por hora, estável – informou a voz de Monroe em seu ouvido.

Henry sorriu.

## III

Monroe se ajeitou no assento, era como se sua pele estivesse justa demais. Ele trocou o livro que lia – ou fingia ler – de uma mão para a outra, e depois de volta para a primeira.

– Você parece empolgado – disse Henry, calmo e objetivo como sempre.

– Amo dar fim nos caras do mal – respondeu Monroe, ajeitando-se de novo.

Se Henry o visse, bateria nele com a coronha do Remington. *Tive que fazer isso*, justificaria depois, quando Monroe reclamasse. *Você acabaria denunciando tudo.*

Monroe se forçou a mirar o livro em vez de olhar de novo na direção de Dormov e seus guarda-costas. Ele não era novato no assunto; sabia bem demais que precisava ter o cuidado de não olhar

muito para o alvo, que notaria e desconfiaria de algo errado. Então, olhou para o velho mesmo assim.

Dormov estava finalmente começando a demonstrar uma leve impaciência com o guarda-costas solícito, dispensando-o sem se preocupar em olhar pela janela. Não demoraria muito agora. Saber disso deixava Monroe ainda mais nervoso.



O trem surgiu nos trilhos a quase setecentos e cinquenta metros do topo da colina onde Henry estava deitado de barriga para baixo. Ele carregou a Remington com uma única bala. Um tiro era tudo o que teria. Se não pudesse resolver aquilo com um tiro... mas sempre podia. Deu dois tapinhas na coronha e mirou.



– Espera aí. *Espera.*

Henry podia praticamente *ouvir* os nós dos dedos de Monroe ficando brancos. Estava prestes a falar para ele sossegar a periquita quando Monroe disse as palavras mágicas:

– Civil na trajetória.

Henry congelou, e o universo congelou com ele. Exceto pelo maldito trem, que disparava na direção do túnel como se estivesse desesperado para alcançar um porto seguro.



A boa notícia era que a menininha enfim parara de correr para cima e para baixo no corredor. A má notícia era que agora ela estava de pé no corredor, bem ao lado de Dormov e sua turma,

olhando para eles como se estivesse hipnotizada; Dormov olhava de volta, aparentemente desconcertado pela curiosidade sincera.

*Ela vai ficar de pé ali e salvar a vida dele, pensou Monroe, horrorizado. Essa merdinha vai salvar a vida do desgraçado. Vai mandar pelos ares nossa única chance de impedir que um poder estrangeiro coloque as garras em material confidencial, e vai fazer isso só por ser uma criancinha maldita.*

Monroe estava prestes a se levantar e achar alguma desculpa para fazê-la se mover, nem que tivesse que empurrá-la, quando a mãe enfim surgiu do nada para dar um jeito nela. Havia grande semelhança entre a menina e a bela jovem vestida com blusa branca e saia azul, mas de algum modo a mãe tinha conseguido a proeza de parecer invisível até o momento. Ela pegou a filha pelos ombros e a arrebanhou para longe, orientando-a gentilmente em um francês que soava musical a Monroe.

O suspiro de alívio de Monroe saiu cortante quando as duas se sentaram na fileira seguinte, a menina logo atrás de Dormov. Ela estava perto demais para o gosto de Monroe – mas não importava, contanto que estivesse fora dos limites mortais.

– Limpo – disse Monroe, junto a uma expiração.



Olhando pela mira, Henry se permitiu voltar a respirar.

– Confirme – pediu, assim que o primeiro vagão entrou no túnel. *E faça isso nessa porra desse instante*, acrescentou em silêncio.

– Confirmado. Tudo limpo. Sinal verde – disse Monroe, a voz severa e urgente.

– Entendido. – O dedo de Henry se posicionou sobre o gatilho e apertou.



O momento do tiro era sempre *o momento*, o Momento da Verdade em que o universo enfim entrava em ordem, quando enfim fazia sentido. Todas as causas se alinhavam às consequências, tudo entrava no lugar certo, e todo lugar estava na posição correta em relação aos outros. Ele soube quando a bala deixou o cano e visualizou a trajetória através do ar levemente ensolarado até o trem – onde, como todas as outras coisas no universo, ele deveria estar.

Só que não estava.



Henry afastou o olho da mira. A calma, a claridade e a convicção inabaláveis que sempre o envolviam durante um trabalho haviam sumido. Tudo no universo perfeitamente ordenado perdeu alinhamento; o Momento da Verdade não havia chegado. Não havia calma ao seu redor. Ele era só um cara portando um fuzil, deitado na poeira sob o céu inclemente do noroeste da Europa.

Havia errado o tiro.

Não sabia como, mas errara.



Monroe estava alheio aos pensamentos de Henry. O vagão inteiro estava em polvorosa. A mãe da menininha berrava, segurando a filha no colo, uma mão cobrindo-lhe os olhos, embora a menina não pudesse ver nada, nem mesmo o buraco na janela ao lado de Dormov. O próprio Dormov estava sentado com a cabeça inclinada em um ângulo não muito elegante enquanto sangue escorria da ferida em sua garganta para a camisa.

Os guarda-costas estavam congelados no lugar, como se o tiro os tivesse transformado em estátuas, até mesmo o mais atencioso – e assim ficaram até depois de o trem sair do túnel. Estariam ferrados

quando se reportassem aos superiores. Tinham uma única missão, e haviam falhado de maneira espetacular.

*Tant pis* – para eles. Tinham dado fim em um cara do mal. Agora, Dormov jamais choraria as pitangas sobre tudo o que havia recebido em troca depois de trinta e cinco anos de pesquisa nos Estados Unidos. Tudo o que Dormov sabia sobre a guerra química e biológica havia morrido com ele. Um desastre evitado, tudo como deveria ser. Tudo estava certo com o mundo.

– *Alpha, mike, foxtrot*<sup>6</sup> – disse Monroe, alegremente.

## III

Henry tirou o pequeno fone do ouvido sem responder. Em geral, a despedida de Monroe era a cereja do bolo, mas ele não estava a fim naquele dia. Estava no piloto automático enquanto desmontava o fuzil, sem a satisfação que costumava sentir quando eliminava um terrorista – e um terrorista biológico naquele caso, fazendo do mundo um lugar mais seguro. Algo havia dado errado e, por ora, Monroe não tinha mais o que dizer.

---

6 Na linguagem militar de comunicação via rádio, esse termo equivale à sigla AMF, usada para representar a expressão “*Adiós, Mother Fucker!*” (“Adeus, filho da mãe!”). (N. T.)

# A história contada no filme do vencedor do Oscar Ang Lee (*As aventuras de Pi*, *O segredo de Brokeback Mountain*), e estrelado por Will Smith!

Henry Brogan é um assassino de elite e vira alvo de um agente misterioso que, aparentemente, é capaz de prever todos os seus movimentos. Para seu horror, logo descobre que o homem que está tentando matá-lo é uma versão clonada dele mesmo — mais nova e mais veloz. Agora, em meio a uma caçada internacional, Brogan deve confrontar seu passado, suas escolhas e ele mesmo se planeja sobreviver em um dos thrillers de ficção científica e ação mais inovadores dos últimos tempos.

PARAMOUNT PICTURES e SKYDANCE e JERRY BRUCKHEIMER FILMS APRESENTAM EM ASSOCIAÇÃO COM FUSUN PICTURES UMA PRODUÇÃO SKYDANCE COM WILL SMITH "GEMINI MAN"  
MARY ELIZABETH WINSTEAD OLIVE DUVEN BENEDICT WONG CASTING POR AVY KAUFMAN CSA MÚSICA POR LORNE DALE SUPERVISOR DE VISUAIS EFETOS DILL WESTENHOFER CO-PRODUTORES DAVID LEE MELISSA REID DESIGNER DE FIGURINOS SUZUTRA ANNE LARLARD EDITOR TIM SOUYRES A/C  
DESIGNER DE GUIA HENDRIX OYAS DIRETOR DE FOTOGRAFIA DON DEEDIC A/C S/A PRODUTORES CHAO OMAN MIKE STENSON BRIAN BELL BUI GUANGCHANG DON MURPHY PRODUZIDO POR JERRY BRUCKHEIMER P/G O DAVID ELLISON DANA GOLDBERG DON STRANGER  
SKYDANCE FUSUN PICTURES 阿里巴巴影业集团 HISTÓRIA POR DARREN LEMKE AND DAVID BENIOFF ROTEIRO POR DAVID BENIOFF E BILLY RAY E DARREN LEMKE DIRIGIDO POR ANG LEE  
GeminManMovie.com #GeminManMovie SOUNDTRACK ALBUM ON PARAMOUNT MUSIC @GeminManMovie

UM ROMANCE DE TITAN BOOKS  
BASEADO NO FILME DE ANG LEE  
HISTÓRIA DE DARREN LEMKE E DAVID BENIOFF  
FILME DE DAVID BENIOFF, BILLY RAY E DARREN LEMKE

ISBN 978-65-80448-20-3



SKYDANCE

© 2019 Skydance Productions LLC. All Rights Reserved.

EXCELSIOR  
BOOK ONE